

A lixeira

I. O fim e o começo

Gota a gota a água pingava mundos de sangue corrosivo dentro de mim. Estaria a minha alma tão cheia de gatos e suja de tintas como a bacia branca de papoilas douradas do velho lavatório?

Por Deus! Deixa que eu viva um pouco em ti!... Que morra dentro de ti!... Por que andas à minha volta irritada como um cometa que tivesse perdido a cauda e eu sinta vontade de te deitar as mãos ao pescoço e atarrachá-lo para que não pingue ódio? Do modo que o estava fazendo com aquela maldita torneira lassa que não vedava!

Deixa que eu seja um pouco de mim em ti!... Deixa que...

—Não! Não posso mais! Estou farta de ti!— Lamentou-se a Júlia — Não posso mais!

Porquê? Por que nos tínhamos de aturar um ao outro quando já havia saturação entre nós e até crostas de ódio acumulado por discussões que se eternizavam e que se esfarelavam com as unhas?

—Cala-te— Pedi? Mandei? Supliquei?

Amo-te? Odeio-te? Pior, só há indiferença entre nós? Que ficou?

És um hábito ou será porque eu não tenho para onde ir? Podia voltar ao frio vão das escadas ou ao banco do jardim onde dormia depois da ronda passar? Ah! As gotas de água começam a transbordar de dor dentro de mim!

—Há vinte anos que pintas quadros e quantos vendeste? Que eu saiba: nenhum!

Havia troça, recriminações e repulsa na voz dela. Quem gostava do que pintava, a não ser eu próprio? Talvez até nem isso! Gostava? Mais um hábito? Necessidade?...

—A arte não se pode converter em batatas!

—É pena! Matava-nos a fome. Estou farta, ouviste, cansada do que não entendo, nada me diz e não participo.

—Por que não queres... só por isso... só por isso...

—Não! Crias rostos que eu não conheço! Metem-se na nossa vida, seguem-nos com olhos de ódio por toda a casa, parecem querer possuir-me e assenhorear-se da minha alma.

—São pedaços de mim mesmo. Não são estranhos. E, se te afligem, só precisas de os virar para a parede para que não te sigam.

—Bem sabes que o faço... constantemente! Mas no dia seguinte lá estão de novo com ar ainda de mais troça! Como se não pudesse fazer nada contra eles...

—É por isso que queres partir?

—Não é preciso. Tu é que vais com os teus monstros. A casa é minha, não te lembras?

Encontrara-me deitado na terra olhando o Céu em bededeiras de azul. Sentara-me a meu lado junto do cavalete e começara tudo entre nós, por acaso, sem razão, nem amor, nem modelo, tal como ia acabar agora! Bededeiras de prazer e de cor diluídas no tempo!

—Se quiseses diz que me saturei com as tuas cores, que as acho sujas, se te sentes ofendido no orgulho de macho!

Há outro?

Não hesitou tal o ódio que a corroía.

—Sim. Alguém que é capaz de ganhar dinheiro e sustentar uma mulher!

Não me senti ofendido e quase me parecia indiferente. O que me preocupava eram os pingos de água da torneira que quase me enlouqueciam. Ah! E os meus quadros! Vivia mais para eles e até dentro deles do que na feroz realidade...

—Que faz esse tipo? Pinta naturezas mortas, flores, paisagens?...

—Não! É amanuense de primeira no Sindicato dos Guarda-Nocturnos— Disse com orgulho a Júlia.

—Valha-me Deus, ao menos isso— pensei estupidamente —Não me trocava por um artista!

II. A miséria

Tinha começado tudo num prato de fedorenta sopa. Naquela mesa de madeira comida pelo caruncho a vida parecia-me tão desfeita, requentada e mal cheirosa como a água de feijão. Foi talvez a fraqueza da fome que me fez imaginar ver naquela amálgama encarniçada as tintas que me permitiam colorir o quadro que desenhara há meses na cabeça. Molhei o pin-

cel nele e pus-me a pintar sonhos nas paredes sujas pelo fogão da cozinha e nas costas dos vagabundos que atiravam côdeas de pão no caldo como ilhas de esperança num mar tenebroso.

—Que fazes, idiota?— Berrou o taberneiro —Tu estás louco ou julgas que pagas assim o almoço?

Foi então que encontrei o Eduardo, um rosto sem forma com quem me cruzara amiúde nas esquinas sem alma da rua. Sentou-se cruzando bruscamente as pernas como se fosse uma tesoura que se fechava sobre a minha possível resposta.

—Queres expôr?

Parei a meio de um gesto criativo e sintético na nuca de um cliente que deixara cair a cabeça dentro do prato da sopa e fiquei todo no ar suspenso na cor das suas palavras. Era um sol que rasgava a manhã cinzenta.

—Não brinques!

—Sei de um sítio onde podes expor se quiseres. É na província mas o espaço é bom e eu trato de tudo. São 50% para cada.

Sentei-me à mesa desiludido. As trevas desciam de novo sobre mim.

—Mas não tenho dinheiro para as telas!

Tens de ter algumas prontas, não?

—Não! Não tenho! Tu conheces a minha vida! É um regato sujo pintado de cinzento onde só há morte! És aqui do bairro, não?

—Sou. Há anos que ouço dizer que és meio louco, que andas a falar e a pintar no ar fantasmas imaginários. Algumas pessoas dizem que o talento te cega, que és um incompreendido, vítima da sociedade... Isso sabe-lhes bem, ajuda-as a suportar os seus problemas e desilusões. Mas talvez a tua loucura seja criativa, quem sabe?

—Que quota parte de culpa tenho no gemido de uma flor que morre envenenada? Ou no girassol que gira com as minhas emoções destruídas? Mas tu queres provar a minha culpada insanidade, é isso?

—Para mim é negócio. Um investimento que me pode dar dinheiro. Um talento incompreendido dava-me jeito. Só que arrisco tudo o que tenho contigo, bem vês.

—Conheces a Júlia, não?

—Sim, penso que sim. A última com quem viveste? Aquela que é dactilógrafa no Ministério da Justiça?

—Essa mesmo. Deixou-me a alma com mais remendos do que a bacia deste velho lavatório de ferro. Arranjou um amanuense de primeira no Sindicato dos Guarda-Gatunos.

—Ah! Mas isso que tem com os quadros?!

—Muito até. O amor entre nós esfarelou-se entre os dedos porque o pintava com as cores da miséria. Mas apesar disso não a queria deixar e a malvada aproveitou-se de uma noite de bebedeira em que fiquei caído numa sarjeta a contar os ratos que passavam, para mudar a fechadura de casa

e por-me todos os quadros na rua. Penso que o amante que lhe enchia a barriga a ajudou.

—Céus! As telas todas?

—Foram levadas de madrugada para consolo dos bêbedos e das putas pela camioneta do lixo.

—Meu Deus! Vinte anos de trabalho!

—A arte é efémera! A vida, um esboço! Foi a minha primeira e última exposição numa lixeira na periferia da cidade! É até belo e poético! A arte cria ou destrói? Liberta ou escraviza? É o lado positivo do modelo ou, pelo negativo, só há arte na subjectividade, destruída de si própria?

O que eu não lhe disse é que passara dias na lixeira de Bobadela vasculhando em vão uma atela inteira. E que me sentara num monte de lixo a chorar. O louco, o amante, o sonho e o poeta eram uma só realidade fantástica. Sentia-me rasgado, destruído, um fogo fátuo! Tive de resistir para não me cobrir de dejectos e deixar-me ficar por ali a arder...

III. A exposição

—Nunca vem ninguém!

—Já devias calcular!

Levou as mãos à cabeça como se o ronco de raiva e dor lha projectasse o crânio pelo espaço.

—Não podes pagar-me as telas e as tintas... e o transporte dos quadros?

—Merda! Também já devias calcular!

Não havia para onde fugir! Onde estavam os compradores? Onde havia pessoas? Lixo! Parecia que o mundo era só dejectos! Ele chorava o dinheiro gasto como o leite derramado numa vasilha virada. E eu queria fugir para dentro de uma tela para não o encarar! Mas, não. Os riscos saíam em obscenidades de força de arame farpado. Eram formas e cores que se fechavam como as cortinas de boca de um teatro. Sou um dos actores e não participo! Malditos fantasmas acrílicos, vômitos de cor por que me repelem e de que me acusam?...

—Tu nunca soubeste pintar-nos! Fizeste de mim cristalino regato, de nós, da flor lúbrica abrindo-se ao sol, criações amorfas, abortos de nascença.

—És só um miserável intermediário entre a nossa realidade e a tua pobre fantasia. Não vês que te ultrapassamos, que não tinhas o direito de nos pintar?

—Céus! Se me escorraçam da vida e do sonho onde me hei-de meter? Se as minhas próprias personagens me repelem, acusam e odeiam?!

Há sobretudo uma criação doentia que mais me atormenta e detesta. Eu penso até que não a desenhara, que fora ela que se metera na minha trinchça e me forçara a pari-la. Apropriara-se da minha imaginação e agora tentava-o fazer com a minha própria pessoa! Seria um vômito de consciência de que me queria libertar e me recusava a aceitar como meu? Quem? O que a metera lá? A vida, a educação, a sociedade?... Deus?...

—Mas eu sei quem tu és! És o meu maldito censor! Ah! Como me odeias! Sabes que te posso denunciar agora que te escondes com outro rosto numa tela!

—Que louco fui em acreditar em ti!— Lamentou-se o Eduardo.

Caí na realidade ou no sonho emergindo de um boião de tintas onde lentamente me afogava.

—Não vou pintar mais! Nunca mais! Nunca mais!

—Dizes sempre o mesmo!— Contrapôs o Eduardo, coçando raivoso um bigode negro de luto e despeito —E lixas-me! Talvez não passes de um aprendiz de feiticeiro que não tem em si o poder de parar...

A cadeira de palha esventrada que estava a um canto da sala, na expectativa de que algum visitante viesse sentar-se nela a olhar a exposição, entrou a gemer. Senti vontade de a partir por pensar que estava a trocar de mim.

—Talvez desses um bom desenhador de calcinhas de renda com entrefolhos!

—Não devias ter-te arrastado comigo! Por que deste crédito aos meus sonhos? Desculpa! Fiz-te alugar a sala, pagar o transporte dos quadros e das telas... na verdade, foste louco em acreditar em mim!

—O pior é que ainda acredito, mas...

—Fazes mal. Eu não! Nunca serei suficientemente louco para cortar uma orelha como o Van Gogh, nem sinto já forças para resistir ao ódio e desprezo das minhas próprias personagens. Há até uma que um dia pintei, um censor, inspector chefe da polícia política, ou era presidente da república —que sei eu?— mas que agora me persegue implacável e me quer assassinar. É um rosto mau que enrodilha o pensamento, me apavora e corrompe todas as outras minhas criações!

—Mais uma das tuas aberrantes irrealidades?

—Burocracia de cor que não posso apagar com um simples passar do pincel na tele nem esconder sob uma camada de tinta negra.

—E tu és real?

—Não sei! Talvez!

IV. Não cedo, pronto!

—Por Deus! Um cliente!

O Eduardo abriu-se em sorrisos de primavera florida. Ah! O Sol é o êxtase máximo da cópula, a realização sexual da eternidade!

—Anda, mexe-te, imbecil. Faz de artista convencional e vai explicar ao teu comprador os borrões com correcção e comportamento servil de negociante.

Justificar-me? Tentaram queimar Galileu por causa disso! Mas céus, era ele! Só eu sabia que era ele: talvez a malvada criação minha! Levantei-me a custo como se fosse vender a alma. O carro com um chauffer fardado parara à porta da exposição e sua Ex^a saíra com ar de quem podia comprar tudo o que lhe apetecesse, incluindo a minha alma. Como não havia de sentir-me um pouco, ou todo, Deus se com um risco vermelho podia apagar um acontecimento, um gesto ou um grito de liberdade? Olhava os quadros com a superioridade e condescendência do escriba que odeia os lugares comuns da vida e as cores lha provocavam a maior desdém. Eu evitava fitá-lo com medo de que soubesse que descobrira quem S. Ex^a era.

Pus-me a divagar sobre a vida, a alma e a cor que ela tinha. Quando me pinto subjectivamente, parto-me em pedaços como um lápis de óleo e projecto-me num grito de liberdade na mancha informe. É ali que procuro a minha diluída e verdadeira imagem. Meto-me dentro de mim com a curiosidade e a paixão de uma minhoca que se autofertiliza e acaba por não saber se é ou não uma autocriação. Ah! A infinita sabedoria do sonho!

—Quanto custa este quadro?— Perguntou olhando a tela como se fosse uma doença inevitável de que não podia fugir.

—Ah! Este! Dez contos— Disse-lhe a custo.

Por que é que me custa tanto fixar os meus próprios preços? É como se me vendesse! Confessasse as próprias limitações! Rasgava-se o pudor e o mistério que há nas telas e em mim.

—Vai bem com o sifão da minha casa de banho que é azul com açucenas brancas! Dou por ele cinco contos!

—São dez!

Por Deus! Sentia que me despia! E me entregava por tão pouco!

—Não vale tanto. Só dou cinco— Insistiu com um sorriso mau.

—Não vendo— Gemi? Berrei? —Não vendo... não vendo...

O Eduardo parecia louco. Fazia-me sinais para que aceitasse mas eu fingia não os ver. E o cliente saía já porta fora contrariado e ofendido.

—Desgraçado! Não vais vender um quadro na tua puta de vida, deste modo. E agora que estamos sem um chavo, idiota! Queres arruinar-me?

—Não simpatizei com o tipo.

—Essa é boa! Que besta! S. Ex^a não simpatizou com o tipo! Mas quem julgas que és: o Picasso?

—Parecia que tinha o rei na barriga.

—E depois? A nossa está vazia. Que vamos comer? Um ao outro? Os teus malditos quadros? Ah! Isto é o que sucede a quem se mete com vagabundos.

V. A loucura

—E agora, chiça, que vai ser de nós?

Encolhi os ombros.

—Para ti há uma esperança, podes arranjar um pintor que seja melhor do que eu e que traga o contraponto do cifão na testa. Eu, não. Tenho de me sujeitar à mediocridade do que sou.

—Merda! Palavras! Tivemos um cliente e escorraçaste-o!

—Não era real, não podia ser, acredita...

—Mas a fome é real?

Vomitei uma fraqueza esverdeada mas contestei.

—Era uma criação abstracta de uma mente doentia. Que queres que mais te diga?

—Nada!

—algumas personagens dos meus quadros têm mais fome de cor e de vida do que eu. Por vezes são implacáveis e encurralam-me contra as telas ansiosas de me devorarem.

—Tudo em ti é louco e inútil!

—Não posso fugir. Mesmo que me escondesse no pano sob uma pincelada de tinta. As minhas personagens são a prova desta negação para ganhar a vida, o vómito da inadaptação à sociedade.

—És um fracasso!

—Não! Pior! A negação acrílica de um fracasso. Eu não existo para ser mau ou bom. Sou o que não chegou a ser.

—A expositor de lixeiras!

Levantei-me por só eu saber onde ele estava. A tela era a minha libertação, a minha casa e paradoxalmente a minha cadeia. O canto do quadro em que ele se escondia e me forçara a colocá-lo. Caí sobre a tela rasgando-a com as unhas. Tombava no nada, num buraco dentro de mim. Mundo frio sem cor, vácuo onde não me encontrava porque nada existia. Era o fim do que não tinha princípio, o palmo de terra que cobre a nossa inexistência mas que lançado ao ar nos projecta finalmenta pelo espaço.

—Vou encher-me de cor e meter-me numa tela, para sempre!— Berrei.

—Olha, idiota— Guinchou o Eduardo excitado —E dizias tu que ele não existia e que era uma criação tua?!

Não! Não era uma miragem! O chauffer de S. Ex^a acabava de entrar de boné na mão e com uma carta que me era endereçada.

—Abre-a, depressa!— Pediu o Eduardo.

Rasguei-a e tirei o cheque que vinha dentro dela.

—Aleluia! Aleluia! Eu sempre acreditei em ti, não te disse?— Cantarolou o Eduardo.

—Espera. Não! Não pode ser! O cheque é de cinco contos!

—Bolas! E depois? Não digas que o recusas! Eu era capaz de te matar!

—Não recuso, descansa. Vou dar-lhe o que ele quer.

Só eu sabia da razão da troça e do ódio que o movia! Atribuía-me um preço, um valor excessivamente baixo como se os anos em que me escorraçaram da vida não valessem nada. Era a denúncia, a censura, o dinheiro que odiava e paradoxalmente não podia ganhar e que lançado aos pés me faria rastejar. Louco de raiva e de ódio, projectei-me na tela que estava na parede e pegando numa tesoura cortei-a ao meio.

—Embrulha-a— Pedi ao Eduardo que ficara transido de pavor. —E você, diga ao seu patrão que pelo preço só tem direito a meio quadro.

VI. Metade da vida pendurada na parede

Agarrei na parede tapando os ouvidos. Todos os dias à mesma hora passava um avião, não sei para onde, que me importava se acertava com ele o relógio? Rasava os montes de lixo e fazia tremer os quadros. Punha-me louco e a odiar tudo o que voasse. Com atrepidação caíam personagens das telas e eu corria a agarrá-las e a metê-las de novo dentro do quadro. Nunca ficavam na mesma posição e pareciam odiar-me por isso. Até um miserável pedinte que desenhara junto da casota de um cão se meteu assustado dentro dela e se pôs a gritar de medo. Um dia o avião ainda entraria pela lixeira e explodiria na exposição espalhando alumínio e óleo nas telas. E a hospedeira espalmada na trampa seria o mais irreal e conseguido dos quadros. Pensei se teria um bom projector para incidir sobre ela...

A cadeira de palha entrou de novo a gemer e os seus lamentos juntavam-se aos do Eduardo que a um canto chiava de raiva e me olhava como uma ratazana que pensasse devorar-me. Há muito que deixara de falar e se mantinha escondido num silêncio obstinado.

—Calem-se!— Berrei —Parem com isso, seus animais! Vocês não sabem fazer mais nada!

Desde que desenhara aquele quadro de um casal fornicando que não eram capazes de fazer outra coisa! Não que seja moralista, ou não os teria esboçado sequer, mas aquilo já me enervava! Quando acabasse a exposição havia de por um muro entre eles, num gesto final.

—Maldito, odeio-te!— Repetia o Eduardo como se se tratasse de uma ladainha.

Mas eu não me preocupava com nada. Fizera de uma velha caixa de vinho do Porto uma espécie de caixão e metera lá os pincéis pensando fazer um enterro de primeira. E, por fim, suicidar-me-ia afogando-me num mar de tintas acrílicas.

—Céus! Um visitante!— Berrou o Eduardo renascendo —Vê lá se a este não o cortas ao meio!

E era mesmo! Mas tão míope que ia de encontro à parede e às cadeiras antes de chegar aos expositores com os quadros! Tinha a cara coçada de tanto a esfregar ao escrever certidões e licenças de habitação. Metia o nariz dentro das telas como se a sensibilidade lhe entrasse pelo cheiro.

—Não vale a pena explicares nada a este! Para ele todos os teu borrões são iguais!

O homem provava com a ponta da língua a qualidade e a mistura das tintas.

—Boa pintura— Comentava —A textura, as cores e a própria tela são de primeira!

O Eduardo estava espantado e afastou-me com um gesto.

—É um apreciador de arte?

—Sou.

—São dez contos cada quadro. É um preço irrisório para o prazer que esta viagem pelo desconhecido lhe pode dar.

—Também acho.

—Ótimo. Consola ver que ainda há quem compreenda que o modelo é supérfluo e a arte não precisa de o copiar.

—A arte é a comunicação e arrasta-nos para o sonho. São muito sugestivos. Só que não posso pagar.

—Fazemos-lhe um desconto. São só oito, não é, mestre?... Só oito...

Concordei com o preço e a promoção.

—Lamento! Mas isso é o que ganho no Ministério. Ficava um mês sem poder fazer mais nada!

—Subjectivando... não objectivando... e ficamos em cinco! Último preço...

—Não posso. A mulher está desempregada e tenho três filhos. Tinham de passar fome.

Interrompi aquela conversa que me desgostava.

—Gosta mesmo dos meus quadros? Consegue ver o cinto das ligas da ministra que se mistura com a expectoração do mineiro e as ceroulas borradas do velho bispo?...

—Adoro-os.

—Porquê? Se não os vê!

—Sinto-os na ponta da língua. A violência da cor, a forma o contorno delicado das figuras! Ah! O prazer espiritual que elas me provocam...

—Quanto pode pagar? Quatro?... Três?... Dois?...

—Há a água, a electricidade, a escola dos filhos, os livros...

—Bem. É seu. Pegue num e leve-o.

O Eduardo deu um pulo que virou a cadeira onde se sentara.

—Tu és louco! Não pode ser!

—É seu— Insisti. —É a síntese da minha subjectividade de emoções que lhe ofereço.

—Obrigado. Fico-lhe muito grato. Só que...— Hesitava o homem —É muito pesado, eu soffro de ossos e não tenho transporte!

—Não se preocupe, quando acabar a exposição eu levo-lhe a tela a casa— Garanti-lhe.

—Vai acabar já— Berrava fora de si o Eduardo —Vai acabar já...

VII. Pavana para uma exposição defunta

—Porque é que vocês, sensatos negociantes, não se libertam dos artistas do mesmo modo que na Idade Média as cidades francesas fizeram em França aos pedintes que traziam peste, miséria e lepra?

—Que foi?— Perguntou o Eduardo salivando as palavras de sangue.

—Puseram uma enorme sopa de caridade à entrada da cidade e enquanto eles comiam fecharam-lhes as portas indiferentes às súplicas, rogos e ameaças.

—É pouco! É pouco!— Ladainhava.

O Eduardo era uma vela enfunada de raiva assassina. Eu não me importava. A morte era como um grito ou o passar de tinta negra numa tela. Um sopro frio que apagaria a chama da vela já meio derretida, nada mais.

—Insulta-me! Foge! Provoca-me!— Pediu —Faz qualquer coisa!

—Para quê?

—Para não te matar a sangue frio.

—Não me importo de ser a diarreia da tua raiva. Só que ainda tens o cheque de cinco contos, não?

—É bem pouco!— Protestou.

Só que não o teve por muito tempo! Tinham despejado na lixeira um corpo que diziam ser de um homem que se deixara absorver tanto pela mecânica que acabara máquina quando a tirania, a opressão, a censura, S. Ex^a que sempre me perseguira, saíam do carro onde o chauffer fardado lhes abria respeitoso a porta. Irrompia violento como um deus justiceiro e cuspiam raiva, ódio e espuma acrílica na minha direcção.

—Quero o cheque.

—Pois não, censor, tirano, Ex^a— Retorqui —E a metade do quadro?

—Está aqui— Disse estendendo-o com nojo.

Peguei nele com cuidado e fui colocá-lo na parede ao lado da outra metade.

—Até que enfim que a tela está completa!

—Mas, Vossa Ex^a... comprou o quadro!— Suplicava o Eduardo.

—Comprei, mas inteiro!

—Também só deu metade do preço!— Insistia o Eduardo.

—Vou chamar a polícia.

Arranquei o cheque das mãos do Eduardo e lancei-o ao ar. Esgadanhavam-se para o agarrar e eu com alguns sopros ia-o lançando cada vez para mais longe. Esperava que caísse e se perdesse num abismo negro, sem fundo, que desenhara num quadro posto no expositor do fundo da sala. Uma mão pegou-se ao meu pescoço e começou a apertá-lo. Qual? De quem? Do Eduardo? Do ex-polícia político? De mim próprio? Cada vez apertava mais e mais e eu só soprava para que o cheque voasse cada vez para mais longe. Era isso que me preocupava, o espaço e não a vida em si. Sempre fora assim. Algures no infinito da minha mente a maldita torneira começou de novo a pingar irritante e trouxe uma outra distância à cena. As personagens saíam agora dos quadros, da lixeira onde Júlia as colocara e rodeavam-me. Vinham-me buscar. Sentia-me feliz porque pareciam finalmente aceitar-me como uma delas. A cadeira entrou a gemer mas não era o fim, não! Preocupara-me sempre mais a representação das coisas do que elas, ou eu próprio.

Miguel Barbosa